

JOSÉ PEDRO CROFT

REFLEXOS, ENCLAVES, DESVIOS



30.04 → 13.09.2026

**MUSEU DE ARTE
CONTEMPORÂNEA
PISO 0**

PT/EN



JOSÉ PEDRO CROFT: REFLEXOS, ENCLAVES, DESVIOS

José Pedro Croft (Porto, 1957) volta a realizar uma grande exposição no CCB após quase 25 anos. O foco desta exposição, portanto, é um recorte daquilo que produziu durante este século. Trata-se de um dos principais artistas portugueses da geração que se formou logo após a Revolução dos Cravos, em 1974. A sua poética visual, vinculada aos ideais da liberdade, do cosmopolitismo e da experimentação, afirma-se pelo confronto da própria materialidade das linguagens plásticas — a linha, o plano, a cor, o espaço —, sem deixar de levar em conta a sua expansão para a arquitetura e o corpo (inerente aos gestos do artista e à percepção do espectador).

Há que destacar, por um lado, a austeridade e a contenção de um trabalho meticoloso e quotidiano no atelier, e, por outro, o apelo a que o espectador trabalhe de forma imaginativa os signos visuais. Ver não é reconhecer. As muitas variações das séries gráficas conduzem o olhar para o interior de um processo em que repetição e diferença se potencializam. A atenção ao detalhe é uma convocação política numa época de dispersão interessada.

Uma exposição monográfica deve procurar um caminho curatorial que saliente aspetos da poética do artista que nos ajudem a perceber a sua contemporaneidade, os seus vínculos e atritos com a história da arte, e a sua capacidade de enfrentar os desafios do mundo atual. A nossa percepção quotidiana, fundada na fragmentação e no excesso, é convocada para desconstruir as partilhas estéticas hegemónicas, os nossos hábitos perceptivos. Neste aspeto, destacaria dois elementos importantes que perpassam a produção de Croft: a articulação original entre o fazer gráfico, a tradição construtiva, os elementos arquitetónicos e a escala do corpo; e o rigor plástico que exige do olhar um tempo de experiência que resiste à aceleração do nosso regime de atenção.

Na dialética entre repetição e diferença que marca a sua poética, deve destacar-se a maneira como o artista trabalha — e reelabora — as placas de cobre e interfere constantemente nas gravuras. O jogo serial vai produzindo microdiferenças que obrigam o espectador a parar e reparar na forma como tais deslocamentos produzem energias espaciais intensas. As alterações cromáticas e o jogo de luzes e sombras são também elementos que o artista utiliza a partir das intervenções nas matrizes das gravuras, raspando, limpando, marcando, sobrepondo cores — enfim, fazendo deste árduo embate com os materiais um pensamento próprio inerente ao trabalho do gravador.

Foi uma decisão curatorial a concentração nos desenhos e no fazer gráfico, atualizando os ditames seculares dos ateliers de gravura, com os seus técnicos e regras impositivas. Este aspeto obriga-nos a deslocar a temporalidade do nosso regime perceptivo. O esforço inerente ao fazer das suas gravuras impõe um ritmo mais lento à receção, uma vez que as camadas que se sobrepõem, e que se evidenciam nas tiragens, não se entregam facilmente ao olhar. Em certos momentos, recorrentes nas

obras expostas no MAC/CCB, a densidade e a combinação das cores vão produzindo uma profundidade no campo de visão nada trivial, em se tratando de gravura.

A reflexividade especular que desorienta a nossa percepção espacial reverbera no fazer, desfazer e refazer das chapas de metal, com as suas multiplicações de volumes espaciais. Há um intercâmbio contínuo entre o trabalho da mão e o do olho; há uma articulação interna no confronto exaustivo da chapa de metal das gravuras com os deslocamentos óticos e desvios insinuantes de suas esculturas. O metal, o vidro, os espelhos, a linha, a cor, a memória gráfica, as sobreposições, a instabilidade: tudo isto reverbera entre as gravuras, os desenhos e as esculturas.

A produção de José Pedro Croft ao longo das últimas décadas evidencia uma apropriação constante de gestos e elementos plásticos reposicionados por um mundo em rápida transformação com o qual mantém uma relação de tensão e conflito. É no interior dos conflitos com o tempo presente que a arte potencializa o seu compromisso com a liberdade e com o exercício experimental de ver o que não se sabe reconhecer.

Luiz Camillo Osorio, curador da exposição

José Pedro Croft, Sem título / Untitled, 2021. Coleção privada / Private collection



JOSÉ PEDRO CROFT: REFLECTIONS, ENCLAVES, DEVIATIONS

José Pedro Croft (Porto, 1957) returns to the CCB with a major exhibition after almost 25 years. The focus of this exhibition is a selection of the works he produced during this century. Croft is one of the leading Portuguese artists of the generation that emerged shortly after the Carnation Revolution of 1974. Linked to the ideals of freedom, cosmopolitanism, and experimentation, his visual poetics are affirmed through confrontation with the very materiality of the forms of visual expression—the line, the plane, colour, space—without neglecting their expansion into architecture and the body (inherent in the artist's gestures and the viewer's perception).

It is worth highlighting both the austerity and restraint of meticulous, daily work in the studio, and the call for the viewer to work imaginatively with visual signs. Seeing is not recognising. The many variations in the graphic series draw the eye into a process in which repetition and difference are heightened. Attention to detail has political connotation in an era of self-serving dispersion.

A monographic exhibition should seek a curatorial path that highlights aspects of the artist's poetics that help us understand his contemporaneity, his links and frictions with art history, and his ability to face the challenges of today's world. Our everyday perception, based on fragmentation and excess, is called upon to deconstruct shared aesthetic hegemonies, our perceptual habits. In this regard, I would highlight two important elements that permeate Croft's work: the original articulation between graphic practice, constructive tradition, architectural elements and the scale of the body; and the plastic rigour that requires the viewer to take time to experience the work, resisting the acceleration of our attentional regime.

In the dialectic between repetition and difference that marks his poetics, it is worth highlighting how the artist works—and reworks—the copper plates and constantly interferes with the prints. The serial game produces micro-differences that force the viewer to stop and notice how such shifts produce intense spatial energies. Chromatic changes and the play of light and shadow are also elements the artist uses from his interventions in the matrices of the engravings, scraping, cleaning, marking, superimposing colours—in short, transforming this arduous clash with the materials into a thought inherent to the engraver's work.

A curatorial decision was made to focus on drawings and graphic production, updating the age-old dictates of engraving studios, with their technicians and prescriptive rules. This aspect forces us to shift the temporality of our perceptual behaviour. The effort inherent in making the prints imposes a slower pace on their reception, since the overlapping layers that are evident in the print runs do not readily reveal themselves to the eye. At certain moments, recurring in the works exhibited at the MAC/CCB, the chromatic density and combination of colours produce a depth of field that is anything but trivial with regard to printmaking.

The mirror-like reflexivity that disorients our spatial perception reverberates in the making, unmaking, and remaking of the metal plates, with their multiplications of spatial volumes. There is a continuous exchange between the work of the hand and that of the eye; an internal articulation in the exhaustive confrontation of the metal plate of the engravings with the optical displacements and insinuating deviations of his sculptures. Metal, glass, mirrors, lines, colour, graphic memory, overlaps, instability: all of it reverberates between prints, drawings, and sculptures.

José Pedro Croft's production over recent decades features a constant appropriation of gestures and plastic elements repositioned by a rapidly changing world with which he maintains a relationship of tension and conflict. It is within the conflicts with the present that art enhances its commitment to freedom and to the experimental exercise of seeing that which we are unable to recognise.

Luiz Camillo Osorio, exhibition curator

PROGRAMA PÚBLICO
PUBLIC PROGRAMME

**VISITA COM LUIZ CAMILLO OSORIO
E JOSÉ PEDRO CROFT**
2 MAI, 16H00

O curador da exposição individual de José Pedro Croft guia-nos por estes *reflexos, enclaves e desvios*. Explorando os limites entre plano e tridimensionalidade, e abordando temas como corpo, espaço e arquitetura, sugere-se uma experiência capaz de resistir à aceleração do nosso tempo.

**GUIDED TOUR WITH LUIZ CAMILLO OSORIO
AND JOSÉ PEDRO CROFT**
2 MAY, 4:00 PM

The curator of José Pedro Croft's solo exhibition leads us through its *reflections, enclaves, and deviations*. Exploring the limits between plane and three-dimensionality, and engaging with themes such as the body, space, and architecture, this tour offers an experience that resists the acceleration of our time.

VISITAS ÀS EXPOSIÇÕES
EXHIBITION TOURS

17 MAI, 28 JUN, 13 SET 11H00
17 MAY, 28 JUN, 13 SEP, 11:00 AM

Participação gratuita mediante inscrição prévia através de formulário ou pelo e-mail / Free participation upon prior registration via form or by email: servico.educativo.museu@ccb.pt.



**MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA
E CENTRO DE ARQUITETURA**

Centro Cultural de Belém

Praça do Império, 1449-003 Lisboa
T (+351) 213 612 878 / (+351) 213 612 913

Siga-nos / Follow us

@maccb.museu
#maccbelem



APOIO À EXPOSIÇÃO / EXHIBITION SUPPORT

